A EMERGÊNCIA DE NOVOS DISCURSOS CRÍTICOS ÀS IDENTIDADES: OBRAS, PISTAS E HIPÓTESES[1]

THE EMERGENCE OF NEW CRITICAL DISCOURSES ON IDENTITIES: KEY WORKS, TRAJECTORIES AND HYPOTHESES

Leandro Colling*
leandro.colling@gmail.com

RESUMO: Nos últimos dez anos, aproximadamente, as pessoas pesquisadoras e/ou militantes dos direitos humanos, em especial aqueles relativos às identidades LGBTQIAPN+, feministas e negras, têm se deparado com um conjunto de trabalhos acadêmicos, escritos por pesquisadores/as importantes nos campos da psicanálise, psicologia, sociologia, filosofia e antropologia, que estão elaborando novos discursos críticos às identidades. O objetivo deste texto é o de apresentar de forma panorâmica algumas das principais obras e elaborar hipóteses iniciais para tentar explicar as condições de emergência, nos termos de Michel Foucault, desses novos saberes.

PALAVRAS-CHAVE: Identitarismo; Gênero; Raça.

ABSTRACT: Over the past decade, scholars and human rights advocates - particularly those engaged with LGBTQIAPN+, feminist, and Black movements - have been confronted with an expanding corpus of academic works authored by leading figures in psychoanalysis, psychology, sociology, philosophy, and anthropology. These contributions articulate emerging critical perspectives on identity, challenging established frameworks and proposing novel modes of analysis. This article offers a panoramic review of selected seminal works and advances preliminary hypotheses regarding the conditions of their emergence—conceived here in the Foucauldian sense—as sites for the production of new forms of knowledge.

KEYWORDS: Identitarianism; Gender; Race.

Introdução

Nos últimos anos, em especial a partir de 2017, as pessoas pesquisadoras e/ou militantes dos direitos humanos de pessoas LGBTQIAPN+[2], feministas e negras têm se deparado com um conjunto de trabalhos acadêmicos, escritos por pesquisadores/as importantes nos campos da psicanálise, psicologia, sociologia, filosofia e antropologia, que estão elaborando o que inicialmente chamei de novos discursos críticos às identidades (Colling, 2024). A proposta deste artigo é a de apresentar de forma panorâmica algumas das principais obras e elaborar hipóteses para tentar explicar as condições de emergência, nos termos de Michel Foucault[3], desses novos saberes. Trata-se de um texto inicial de uma pesquisa ampla sobre o tema e que irá se desdobrar em uma série de outros em curso.

---

[1] Este texto integra uma pesquisa realizada em estágio de pós-doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a supervisão da Dra. Suely Rolnik.

* Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia. Professor titular do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC).

[2] A sigla aglutina pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, queer, intersexo, assexuais, pansexuais, não-binárias e outras identidades sexuais e/ou de gênero.

[3] Foucault trata das condições de emergência dos saberes em suas reflexões sobre a cartografia e a genealogia. A cartografia está interessada em evidenciar relações, criar problemas, expor relações e assim faz emergir histórias não contadas, territórios não penetrados. A cartografia tem o poder de deslocar o nosso entendimento

Recebido em 13 de agosto de 2025
Aprovado em 14 de dezembro de 2025

Vários desses trabalhos usam a ideia de "identitarismo" para criticar ativistas e movimentos sociais. Os/as autores/as não possuem uma definição unânime sobre o que seria o "identitarismo", mas em geral usam essa categoria para se referir a um novo tipo de essencialismo identitário, distinto daquele conceituado como estratégico por Gayatri Spivak (1985). Agora, o essencialismo teria chegado ao grau máximo, a ponto de que os marcadores sociais das diferenças que nos constituem, a exemplo da raça, sexo e gênero, determinassem de forma direta e absoluta as nossas identidades.

O antropólogo Antonio Risério diz que o "identitarismo" seria fascista, corporativista e recusaria a noção de verdade, o que geraria uma irmandade com o nazismo (Risério, 2024, p.25). O jornalista Ricardo Rangel defende que "o que caracteriza o identitarismo é alguém entender que o fato de pertencer a um grupo particular (grupo que em geral se entende oprimido) o define de maneira fundamental e transforma a afirmação da própria especificidade do grupo em reivindicação política" (Rangel, 2022, p. 20).

Já o cientista político Luis Felipe Miguel (2024, p. 23) usa a expressão "para designar especificamente a tendência de afirmar o pertencimento de grupo descolando-o das estruturas sociais de dominação". Segundo ele, o identitarismo privilegiaria uma "gramática liberal e idealista, estabelecendo-se em espaço oposto ao materialismo histórico" (idem).

---

sobre as coisas e também está ligada à genealogia, que não está preocupada com a origem das coisas, mas com a emergência das coisas, como determinadas regras e modos de vida, morais, condutas, práticas, emergem na sociedade, como e porquê. A genealogia, explica Foucault (1993, p. 12), "se opõe à pesquisa da 'origem'" que, via de regra, comete três equívocos: "primeiramente, a pesquisa, nesse sentido, se esforça para recolher nela [a origem] a essência exata da coisa, sua mais pura possibilidade, sua identidade cuidadosamente recolhida em si mesma" e, além disso, via origem, "gosta-se de acreditar que as coisas em seu início se encontravam em estado de perfeição; que elas saíram brilhantes da mão do criador". E, por fim, a origem "seria o lugar da verdade" (idem, p. 22). Foucault propõe que a genealogia deve "marcar a singularidade dos acontecimentos, longe de toda finalidade monótona; espreitá-los lá onde menos se os esperava e naquilo que é tido como não possuindo história − os sentimentos, o amor, a consciência, os instintos; apreender seu retorno não para traçar a curva lenta de uma evolução, mas para reencontrar as diferentes cenas onde eles desempenharam papéis distintos; (...) A genealogia exige, portanto, a minúcia do saber, um grande número de materiais acumulados, exige paciência" (Ibid., p. 23). A proveniência (*Herkunft*) e a emergência (*Entestehung*), continua Foucault, são objetos próprios da genealogia. A proveniência deve "descobrir todas as marcas sutis, singulares, subindividuais que podem entrecruzar nele e formar uma rede difícil de desembaraçar; longe de ser uma categoria de semelhança, tal origem permite ordenar, para colocá-las à parte, todas as marcas diferentes" (Ibid., loc. cit.). E continua: "A pesquisa da proveniência não funda, muito pelo contrário: ela agita o que se percebia imóvel, ela fragmenta o que se pensava unido". Já a emergência (*Entestehung*) constitui o princípio e a lei singular de um aparecimento. "**A emergência se produz sempre em um determinado estado das forças**. A análise da Herkunft deve mostrar seu jogo, **a maneira como elas lutam umas contra as outras**, ou seu combate frente a circunstâncias adversas, ou ainda a tentativa que elas fazem − se dividindo − para escapar da degenerescência e recobrar o vigor a partir de seu próprio enfraquecimento. [...] **A emergência é, portanto, a entrada em cena das forças; é sua interrupção, o salto pelo qual elas passam dos bastidores para o teatro, cada uma com seu vigor e sua própria juventude**. (Ibid., p. 25) (negritos meus).

Trata-se, segundo ele, de uma leitura de mundo influenciada pela teoria da interseccionalidade e pela teoria crítica da raça, ambas de origem estadunidense (Miguel, 2024, p. 78). Curiosamente, como veremos a seguir, as reflexões em torno do "identitarismo" também parecem ter se iniciado nos Estados Unidos. Em texto mais recente, Miguel defendeu que

> [...] o identitarismo não é a expressão desencarnada de algum espírito do tempo. Ele é levado a cabo por agentes interessados, que obtêm vantagens materiais e simbólicas nada desprezíveis, respondendo a incentivos muito claros que são oferecidos a quem que se dispõe a essa "rebeldia" dentro e a favor do sistema.
> Apontar a relação entre identitarismo e neoliberalismo é apenas dizer o óbvio. Ficar neste nível de generalidade é se evadir do debate. O que é espinhoso é discutir os mecanismos pelos quais movimentos de índole inicial emancipatória são cooptados para uma posição que é, ao fim e ao cabo, reacionária – e, no mesmo passo, instrumentalizados para o benefício privado de seus porta-vozes autoinstituídos. (Miguel, 2025, online)

O "identitarismo" teria versões de direita e de esquerda, mas os autores sobre os quais tratarei a seguir preferem analisar o "identitarismo" de esquerda[4]. Como será possível perceber, em pelo menos algumas novas obras, os/as autores/as defendem perspectivas anti*queer*, antitrans e anti*woke* que os/as filiam aos modos como a direita critica os movimentos sociais feministas, negros e LGBTQIAPN+.

Woke significa desperte/acorde, em inglês, e foi uma palavra muito usada pelo movimento *Vidas negras importam*, nos Estados Unidos. *Queer* é uma palavra que significa estranho, esquisito, utilizada para insultar pessoas homossexuais. No final nos anos 80 e 90 diversos coletivos, também nos EUA, ressignificaram esse insulto e produziram ações de desobediência civil para chamar atenção da sociedade sobre a pandemia do HIV-Aids (Sáez, 2007). Paralelo a isso, nas universidades, se constituiu o que passou a ser chamado de teoria

[4] O psicanalista Douglas Barros (2024) também usou a categoria do identitarismo para pensar os ativismos da atualidade e só aparentemente se diferencia dos autores que privilegio neste texto. Barros defende que o primeiro identitarista foi o homem branco colonizador. Para ele, na atualidade, o "identitarismo" é o sintoma da centralidade da dimensão essencialista da identidade e que ele faz parte da realidade social contemporânea. Segundo ele, o "identitarismo" teria emergido em função dos seguintes aspectos: "1) a globalização das atividades econômicas; 2) a precarização e a individualização do trabalho, aliada a um discurso liberal; 3) a flexibilização tanto das forças produtivas quanto das relações de produção; 4) a reorganização da vida socioeconômica interconectada em redes; e 5) a recolonização do imaginário por meio da representação moderna da racialização" (Barros, 2024, p. 157). Ao final, o autor defende que existem dois tipos de "identitarismo": um "progressista-laico", localizado no campo da esquerda, e um "reacionário-sagrado", no campo da direita (Barros, 2024, p. 180 e p.185).

queer ou estudos *queer*, que nunca reivindicaram o *queer* como uma identidade (Laurentis, 1991).

Antes de tratar desse "novo" fenômeno, é preciso lembrar que existe uma longa tradição de estudos críticos às identidades. Os estudos culturais[5] e *queer*[6], por exemplo, elaboraram diversas críticas às identidades, em especial quando elas são utilizadas de forma essencializante, binária, estática e naturalizante. O feminismo negro, através do conceito de interseccionalidade, também chamou atenção para o fato de que somos compostos por mais de uma identidade[7]. A psicanálise freudiana já evidenciava que a nossa subjetividade é marcada por forças inconscientes, o que implica em contradições e sentimentos difíceis de definir ou mesmo controlar. Além disso, o Outro, o diferente e as normas sociais também nos constituem, o que impede que qualquer texto sobre nossas identidades tenha algum conteúdo essencialista[8]. Ou seja, nas últimas décadas, a partir dessas e outras perspectivas, foram produzidos muitos estudos que problematizam as nossas identidades.

Contra o acúmulo em torno das políticas identitárias desenvolvidas nas últimas décadas, que produziram uma série de conquistas, visibilidade e direitos para pessoas LGBTQIAPN+, mulheres e negras em vários países, emergiram discursos reacionários de pessoas ligadas a determinadas religiões cristãs e partidos de extrema-direita. Uma vertente desse reacionarismo ficou conhecida como "ideologia de gênero", perspectiva já bem estudada por uma série de pesquisadores/as, como Sônia Correa (2018), Rogério Junqueira (2022), João Gabriel Maracci e Marco Aurélio Máximo Prado (2022), Judith Butler (2024), entre

[5] Cito aqui dois expoentes dos estudos culturais. Paul Gilroy (2001) defendeu, por exemplo, que a negritude é um significante aberto com representações complexas internamente divididas por classe, sexo, gênero, idade, etnia, economia e consciência política. "Não há aqui nenhuma ideia unitária de comunidade negra (...). O essencialismo de base ontológica é substituído por uma alternativa libertária, estratégica: a saturnal cultural que aguarda o fim de noções inocentes do tema negro essencial" (Gilroy, 2001, p. 87). Stuart Hall (2007), outro expoente dos estudos culturais, é conhecido por suas reflexões em torno de como as identidades foram fraturadas. Mesmo no seu texto em que define quem precisa de identidade, Hall destacou que "as identidades são posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora "sabendo" sempre que elas são representações (...) e que elas não podem, nunca, ser ajustadas – idênticas – aos processos de sujeito que são nelas investidos" (Hall, 2007, p. 112).

[6] Os estudos *queer* nunca reivindicaram que o queer se transformasse em uma identidade. Pelo contrário, o *queer* foi sempre utilizado como uma forma de questionar as identidades, de pensar em quem pode se afirmar com determinada identidade. Judith Butler (2003), desde *Problemas de gênero*, lançado originalmente em 1990, já questionava, por exemplo, quem é o sujeito do feminismo e quem poderia se afirmar como uma mulher. Inspirado pelos estudos *queer*, estudei as tensões e diferenças entre ativismo *queer* e movimento LGBT em vários países e identifiquei como o *queer/cuir* foi utilizado no sentido de alargar as políticas para o respeito à diversidade sexual e de gênero (Colling, 2015).

[7] Sobre o assunto, existem diversos textos importantes, a exemplo de Patrícia Hill Collins (2021), Kimberlé Crenshaw (2020) e Carla Akotirene (2019).

[8] Ver, por exemplo, Eduardo Leal Cunha (2007) e Joel Birman (2023).

outros/as. Mas os "novos discursos críticos às identidades" não são compostos por partidários da ideia de "ideologia de gênero" e nem seguem a tradição dos estudos culturais e *queer*. Pelo contrário, muitas vezes autores/as ligados/as a esses estudos são responsabilizados pela emergência do tal "identitarismo" de esquerda.

Uma pista sobre o início

Como isso começou e por que cito o ano de 2017 como uma data importante para a proliferação desses "novos" discursos? Como sabemos, seguindo as pistas de Foucault, é difícil precisar quando um movimento começa a emergir. No entanto, já é possível dizer que depois na primeira vitória de Donald Trump nas eleições presidenciais uma série de intelectuais dos Estados Unidos, que se posicionam como liberais ou de esquerda, passaram a atribuir aos identitários a derrota dos democratas. Ou seja, o que teria gerado a vitória da direita não foram os discursos de ódio, as *fake news*, o uso nefasto das novas tecnologias de comunicação. Os responsáveis seriam os identitários e/ou "identitaristas".

Um dos primeiros movimentos nesse sentido foi gerado pelo professor de humanidades da Universidade de Columbia, Mark Lilla. Em 2017, ele publicou o livro *O progressista de ontem e do amanhã – desafios da democracia liberal no mundo pós-políticas identitárias*, traduzido em 2018 no Brasil. No livro ele desenvolveu o argumento que apresentou primeiro em um artigo publicado no final de 2016 no jornal *The New York Times*, logo depois da primeira vitória de Trump. O artigo foi o texto mais lido do ano na seção de política[9].

Em 2020, Mark Lilla organizou uma polêmica carta, assinada por vários intelectuais, que pediam que a esquerda dos EUA abandonasse o que ele definiu, em seu livro, como a "era do liberalismo identitário". A carta, que ampliou todo esse movimento que pretendo analisar, foi publicada na *Harper's Magazine* e gerou uma enorme repercussão. O texto foi assinado por John McWhorter e Yascha Mounk (outros dois autores que logo depois escreveram livros sobre os quais vou tratar em seguida). A escritora J.K. Rowling, autora da série de obras de Harry Potter, conhecida opositora das pautas trans, também assinou a carta, assim como intelectuais de esquerda como Noam Chomsky e Cornel West[10].

[9] Ver em https://www.fronteiras.com/assista/exibir/mark-lilla-fronteiras-do-pensamento-2018 - Acesso em: 30 jun. 2025.
[10] Carta pode ser lida em https://harpers.org/a-letter-on-justice-and-open-debate/ - Acesso em: 26 jun. 2025.

No livro *O progressista de ontem e o do amanhã*, Mark Lilla considera que a política identitária utilizada pelos democratas teria ocasionado a perda de sentido do que as pessoas compartilhavam como cidadãos e do que unia os americanos como nação (Lilla, 2018, p. 14). Os jovens, ao invés de se abrirem para o mundo exterior, teriam se voltado exclusivamente para a própria interioridade. E tudo isso deixaria os grupos mais vulneráveis, ao invés de mais protegidos. O que ele chama de "liberalismo identitário" teria se transformado em um "projeto de evangelização" (Lilla, 2018, p. 18) com uma espécie de catequismo. Infectados por um egocentrismo de uma sociedade burguesa híper individualizante, os militantes formados pelas universidades americanas promoveriam uma "Olimpíada de vitimização". A Nova Esquerda teria deixado de pensar no que havia em comum entre as pessoas para pensar na diferença.

> E o que substitui a ampla visão política foi uma retórica pseudopolítica e distintamente americana do indivíduo senciente e sua luta por reconhecimento. Que acabou não sendo tão diferente da retórica antipolítica de Reagan do indivíduo que produz e luta por lucro. Apenas menos sentimental e mais hipócrita (Lilla, 2018, p. 65).

Ele também atribui essas transformações aos modismos universitários que ensinam, por exemplo, que as identidades de gênero são maleáveis, ao modelo Facebook de identidade (Lilla, 2018, p. 72-73). A saída, segundo o autor, seria abandonar a retórica do narcisismo e apelar à ideia de cidadania.

Em 2023, Yascha Mounk lançou o livro *A armadilha da identidade: uma história das ideias e do poder em nosso tempo,* que foi publicado no Brasil no final de 2024. Cientista político e professor da Universidade Johns Hopkins, o autor argumenta que as universidades é que criaram a "armadilha da identidade", especialmente através dos estudos de Michel Foucault, Edward Said, Gayatri Spivak, Kimberlé Crenshaw, Dona Haraway, entre outros/as, que teriam se tornado hegemônicos/as em vários departamentos[11]. Hoje, as pessoas

[11] Esse diagnóstico também poderia ser problematizado. Wendy Brown (2017), por exemplo, em sua obra sobre o neoliberalismo, apresenta reflexões bem distintas sobre o que teria acontecido, nas últimas décadas, nas universidades dos EUA. Segundo ela, as humanidades, as artes e as ciências sociais teriam perdido terreno, em especial nas universidades públicas, para um ensino mais profissionalizante que não tem por meta formar jovens acadêmicos como mestres e pensadores, mas como capitais humanos que aprendem a captar recursos muito antes de entrar no mercado de trabalho. De uma educação humanista, desenvolvida após a Segunda Guerra Mundial, que testemunhou os movimentos pelos direitos civis e o feminismo, a universidade norte-americana teria se transformado em uma academia neoliberal. "Ao mesmo tempo, é claro, a direita tem satanizado os planos de estudos e a cultura das universidades como algo cheio de programas de esquerda e de correção política" (Brown, 2017, p. 260).

formadas nas universidades estariam aplicando esses estudos em movimentos sociais e grandes organizações, inclusive em empresas como a Coca-Cola. Mounk não usa a expressão "identitarismo", mas ele nomeia de "síntese da identidade" o *modus operandi* do fenômeno que ele analisa. A síntese da identidade teria sete proposições fundamentais: um profundo ceticismo sobre a verdade objetiva, o uso de uma forma de análise de discurso para fins explicitamente políticos, uma aceitação de categorias essencialistas de identidade, um orgulhoso pessimismo sobre o estado das sociedades ocidentais, a aceitação de uma lógica interseccional e um profundo ceticismo sobre a capacidade de grupos diferentes se entenderem (Mounk, 2024, p. 91).

Nos Estados Unidos, as críticas às identidades negras partem inclusive de conhecidos intelectuais negros. O linguista John McWhorter, professor da Universidade de Colúmbia, que também assinou a carta organizada por Mark Lilla, considera que o movimento negro se transformou em uma religião que, ao contrário do que apregoa, prejudica as pessoas negras. Ele é autor do livro *Racismo woke: como a militância traiu o movimento antirracista*, lançado em 2021 nos Estados Unidos e em 2024 no Brasil. Para ele, os negros se consideram como os *Eleitos* de um clero, que possuem uma "magia" e discursos infundados que insistem em apontar que o pecado original é o "privilégio branco", do qual os brancos nunca serão absolvidos (McWhorter, 2024, p. 49). "Quero dizer que esse movimento é uma religião de verdade. Um antropólogo não veria diferença entre o pentecostalismo e essa nova forma de antirracismo" (McWhorter, 2024, p. 43).

Susan Neiman é outra intelectual norte-americana que escreveu um livro crítico às identidades, intitulado *A esquerda não é woke*, publicado em 2023 e traduzido no mesmo ano no Brasil. Para ela, a política identitária, que ela prefere chamar de "tribalismo", se tornou tóxica. Ela reconhece que "os movimentos woke merecem elogios por conscientizar muitas pessoas de que, mesmo para os universalistas genuínos, o universal era mais frequente a cor branca do que a parda, o gênero masculino em vez do feminino, a presunção de heterossexualidade em vez de homossexualidade" (Neiman, 2023, p. 74). No entanto, em seguida diz também: "Mas a insistência woke em uma compreensão tribal da cultura não está muito longe da insistência nazista de que a música alemã só deveria ser tocada por arianos" (idem, p. 80).

Outro país com vários intelectuais com novas críticas às identidades é a França. Elisabeth Roudinesco, por exemplo, no livro *O eu soberano – ensaio sobre as derivas*

identitárias, lançado em 2021 na França e em um ano depois no Brasil, recorre a alguns conceitos e reflexões da psicanálise para defender que vivemos um tempo dominado pela cultura do narcisismo. Ela defende que vivemos uma época em que cada um quer ser um rei e que as novas discussões sobre gênero, em particular a teoria *queer*, teriam criado "uma ideologia normativa de pertencimento que chega a dissolver as fronteiras entre o sexo e o gênero" (Roudinesco, 2021, p. 11).

Ela diz que "nas trevas do pensamento identitário (...) muitas vezes se misturam delírio, conspiração, rejeição ao outro, incitação ao assassinato e racialização das subjetividades" (Roudinesco, 2021, p. 12). Sofreríamos até de "um desejo louco de não se misturar mais com nenhuma comunidade exceto a sua (nossa)" (Roudinesco, 2021, p. 20). Um dos seus alvos centrais está nas identidades trans. A invenção da categoria cisgênero teria imposto, segundo ela, uma nova norma: "em outras palavras, a invenção da terminologia funciona como uma declaração de guerra à realidade anatômica em prol de um imperativo 'generificado'. E atualmente ela se impôs como uma nova norma, pois o adjetivo 'generificado' substitui cada vez mais o adjetivo 'sexuado'" (Roudinesco, 2021, p. 38).

A tal guerra à realidade anatômica teria como teóricas a bióloga Anne Fausto-Sterling, com seus estudos sobre intersexualidade, ora qualificados como "vulgatas" (Roudinesco, 2021, p.52), e a filósofa Judith Butler, que teria protagonizado, em 1990, um "culto dos borderline ao afirmar que a diferença sexual era sempre fluída" (idem, ibidem, p. 56). Em vários momentos, a psicanalista entende que as cirurgias realizadas por pessoas trans são "mutilações" (Roudinesco, 2021, p.34) e se posiciona contra os tratamentos para as crianças trans dizendo-se "horrorizada com a ideia" (idem, ibidem, p.53). O movimento *queer* promoveria um "catecismo apoiado na avalanche de neologismos", tais como heteronormativo, generificado, cisgênero e agênero. (Roudinesco, 2021, p.61).

Roudinesco também centra suas críticas às perspectivas decoloniais, interseccionais e estudos críticos da raça. Louva o fato da Constituição francesa ter suprimido a palavra raça e defende que Aimé Césaire e Léopold Senghor, ao criarem o conceito de negritude, não o tinham pensado como uma identidade. No entanto, a autora também diz que eles visavam, com a negritude, "fazer emergir uma cultura comum a todos os povos vítimas de segregação em razão da cor da sua pele, fossem eles descentes do tráfico negreiro ou herdeiros negros dos impérios coloniais" (Roudinesco, 2021, p. 85). Impossível deixar de perceber que essa definição dialogue exatamente com um ideal identitário.

Em seguida, Roudinesco retoma as conhecidas críticas de Franz Fanon em torno da negritude e conclui que, apesar das diferenças, "nenhum deles se colocava em cena como muitos 'identitários' instalados numa 'raça' ou numa 'etnia', nenhum pensava que o racismo era uma questão exclusiva dos negros, nem o antissemitismo uma questão exclusiva dos judeus". (Roudinesco, 2021, p.103.) Os estudos da branquitude, segundo ela, estigmatizam os brancos, que passam a ser julgados por um "pretenso privilégio branco" e que teriam por objetivo fazer com que cada branco admita seu racismo inconsciente (Roudinesco, 2021, p.141). Para ela, os estudos críticos da raça "farão reaparecer, não importa o que se diga, o bom e velho 'catálogo banania'" (idem, ibidem, p. 140). *Banania* é uma bebida de chocolate muito popular na França e que usa o desenho de um menino negro em sua embalagem.

Em seguida, as críticas são dirigidas ao que seriam leituras equivocadas ou problemas das obras de Spivak ("nascida em uma alta casta" e autora de um livro "escrito no 'falar obscuro' do questionamento identitário" (Roudinesco, 2021, p. 155)) e Homi Bhabha ("o mais radical dos autores empenhados no manjo do 'falar obscuro'", (Roudinesco, 2021, p. 159)). Apenas no último capítulo do livro, Roudinesco trata brevemente dos identitários de direita, mas defende que não existe simetria direta entre as derivas desses com os de esquerda. As derivas identitárias de esquerda seriam mais graves intelectualmente e as da direita as mais perigosas politicamente. No entanto, segundo ela, as duas se alimentariam mutuamente (Roudinesco, 2021, p. 220).

Também da França, o professor de Filosofia Contemporânea da Sorbonne, Jean-François Braunstein (2023) lançou o livro *A religião woke*, em que crítica as mais recentes teorias do gênero e da raça e alega que elas criaram uma verdadeira religião que estaria destruindo a liberdade das pessoas. Essas teorias, por exemplo, argumentariam que o sexo e o corpo não existem e que todos os brancos são racistas.

Na Espanha, os psicólogos José Errasti e Marino Pérez Álvarez, professores da Universidade de Oviedo, são autores do livro intitulado *Ninguém nasce em um corpo equivocado – êxito e miséria da identidade de gênero*, lançado em 2022. Eles também recorrem à ideia de narcisismo, que teria sido híper potencializada pelo sistema neoliberal, para tentar explicar porque tantas pessoas reivindicam identidades próprias na atualidade. Segundo eles, as novas políticas identitárias, que teriam sido criadas pelo ativismo e teoria *queer*, fizeram com que as pessoas não valorizassem mais o sexo na sua finalidade reprodutiva, o que seria perigoso para a própria perpetuação da espécie humana. Eles

também fazem incisivas críticas às diversas identidades sexuais e de gênero e centram seus ataques em especial às obras de Judith Butler e Paul B. Preciado, que teriam produzido o que eles chamam de “generismo queer” e de uma “ideologia queer” (Errasti e Álvarez, 2022, p. 17 e 21). Os autores também defendem que a militância gerou uma infantilização da universidade.

> A universidade como “espaço seguro”, onde o estudante não se encontre com opiniões que choquem com a sua e os sentimentos como argumento seriam aspectos dessa tendência. (...) Os professores se autocensuram deixando de falar de certos temas ou, o que seria pior, contribuem com os mantras da ocasião. Desta maneira, a universidade deixa de ser o lugar onde se desafiam as opiniões e os estudantes aprendem a olhar mais além do próprio umbigo. De fato, a universidade deveria ser um lugar inseguro para todas as opiniões, começando pelas dos estudantes e terminando pelas dos próprios docentes e investigadores (Errasti e Álvarez, 2022, p. 23).

O prefácio é assinado pela feminista e filósofa espanhola Amelia Valcárcel, professora de Filosofia Moral e Política na Universidade Nacional de Educação a Distância. Para ela, a teoria *queer* defenderia que o sexo não tem existência real, mas seria uma “construção performativa”, o que ela chama de um “delírio queer” (Valcárcel, 2022, p. 13) Ela já se contrapôs a leis para assegurar direitos de pessoas trans na Espanha e defendeu que as pessoas intersexo não existem e que a teoria *queer* deve ser erradicada[12].

Esse exemplo da Espanha deixa nítido como esse movimento crítico às identidades se alia, querendo ou não, com o feminismo transexcludente. Ou seja, não é um acaso do destino que a escritora J.K. Rowling, autora da série de obras de Harry Potter, tenha assinado a carta organizada por Mark Lilla. No dia 17 de abril de 2025, Rowling comemorou o fato da Justiça do Reino Unido ter decidido que a definição legal de "mulher" é baseada no sexo biológico, o que exclui as mulheres trans da definição legal de mulher segundo a Lei da Igualdade do país. Além de postar textos em sua rede social comemorando a decisão, também publicou uma foto em tom provocativo: aparece segurando um copo de uísque e fumando um charuto com a legenda: “adoro quando um plano dá certo”.[13]

No Brasil

[12] Ver https://volcanicas.com/cuando-el-terfismo-es-defendido-desde-la-esfera-intelectual/ - Acesso em: 10 ago. 2024.

[13] Ver https://www.cartacapital.com.br/diversidade/em-nova-ofensiva-contra-trans-j-k-rowling-celebra-decisao-que-define-mulher-pelo-sexo-biologico-no-reino-unido/# - Acesso em: 28 abr. 2025.

No Brasil, os novos discursos críticos às identidades não parecem se encontrar apenas em críticos da teoria *queer* da atualidade. Richard Miskolci (2021), um conhecido autor da sociologia brasileira que ajudou a desenvolver a teoria *queer* em nosso país, também pode ser incluído nesse movimento. Em obras anteriores ele problematizava, via estudos *queer*, os limites das políticas identitárias e o quanto elas possuíam um viés heteronormativo (Miskolci, 2012). Isso mudou a partir da publicação do seu livro mais recente, intitulado *Batalhas morais – política identitária na esfera pública técnico-mediatizada*, de 2021. Por um lado, ele faz uma análise de como o pânico foi construído pela direita em torno da ideia de "ideologia de gênero". No entanto, para ele, "esse pânico foi potencializado pelo avanço do ativismo identitário no Brasil" (Miskolci, 2021, p. 25) que teria alcançado os espaços educacionais e acadêmicos no país. Miskolci defende a ideia de que "a identidade é parente do autoritarismo e do ódio à diferença" (Miskolci, 2021, p.26).

Como já é possível perceber, diversos/as autores/as críticos às identidades destacam o papel que as universidades desempenharam para a criação de novos conflitos identitários que teriam potencializado a vitória da extrema-direita, a polarização e a incapacidade do diálogo em nossa sociedade. Esse debate identitário nas universidades, para Miskolci, gerou uma confusão entre o que é movimento social e o que é pesquisa científica e produção de conhecimento. "A universidade não pode se tornar instrumento dos interesses das elites ou dos movimentos sociais sem abandonar seu papel crítico, social e político, de intermediação por meio da pesquisa científica e da disseminação do conhecimento" (Miskolci, 2021, p. 25). Para ele, os ativismos identitários usaram o escracho, o cancelamento, a vigilância comportamental e ideológica, repertório que "não colabora para alcançarmos uma sociedade mais democrática e inclusiva. Ao contrário, trouxe-nos um conflito permanente, novas formas de censura e, inclusive, pode ter contribuído para a extrema-direita chegar ao poder" (Miskolci, 2021, p. 26). O sociólogo não fala das *fake news*, do golpe contra Dilma, da prisão ilegal de Lula. O problema são os identitários, que usam noções como lugar de fala e cisgeneridade, conceitos que não se sustentam, diz ele, em termos empíricos e epistemológicos (Miskolci, 2021, p. 89).

Assim como em outros países, aqui os novos discursos críticos às identidades não tratam apenas da diversidade sexual e de gênero. Outro foco central são as políticas identitárias negras. O antropólogo Antonio Risério, conhecido por seus estudos sobre a cultura afro-brasileira, publicou quatro livros, nos últimos anos, com várias críticas às políticas

identitárias do movimento negro brasileiro. Ele é um dos tantos que utiliza a expressão "identitarismo" para se referir às políticas identitárias das últimas décadas para se referir aos movimentos negro e LGBTQIAPN+. Ele é autor dos livros *Sobre o relativismo pós-moderno e a fantasia fascista da esquerda identitária* (2019), *Mestiçagem, identidade e liberdade* (2023) e *Identitarismo* (2024) e organizador de *A crise da política identitária* (2022). Esse último reúne alguns textos seus e de outros 18 intelectuais, entre eles Wilson Gomes (2022a e 2022b) e Demétrio Magnoli (2022).

Risério diz que "no campo político-intelectual (...), a paisagem está cada vez mais complicada e sufocante, sob a tentativa fascista da militância identitarista de tentar impor ao país uma ditadura do pensamento único." (Risério, 2023, p. 17). Além de fascista, a militância identitarista teria também um espírito de "seita" (idem, ibidem, p. 18) e seria "tosca, mentalmente primária, ignorante e medíocre" (Risério, 2023, p. 19)[14]. Risério, em vários momentos, pensa o "identitarismo" de esquerda como equivalente ao de direita, algo que também se repete em outras obras de intelectuais desses novos discursos críticos às identidades. O autor também aponta quais seriam as características do "identitarista negrista": "abomina o debate democrático civilizado; substitui o argumento pelo insulto; só reconhece a truculência como meio de se afirmar no espaço público; vê quem dissente como deficiente moral, intelectualmente desonesto, canalha; considera que adversários são inimigos a serem silenciados e varridos do mapa" (Risério, 2023, p. 37).

Menos agressivas do que as de Risério, mas com as quais ele concorda em muitas ocasiões, estão as reflexões do filósofo Francisco Bosco. Em 2017, ele lançou o livro *A vítima tem sempre razão? – lutas identitárias e o novo espaço público brasileiro* e em 2022 publicou *O diálogo possível – por uma reconstrução do debate público brasileiro*. Se no primeiro a ideia era questionar se quem se sente vítima de preconceitos é mesmo vítima, no segundo as pautas identitárias, em especial as raciais, são responsabilizadas pela polarização existente na política brasileira e pela falta de condições de produzirmos um debate público.

Assim como faz Risério, Bosco também tenta apontar os aspectos positivos da miscigenação brasileira e considera que os

> [...] racialistas negros da atualidade, para superar as desigualdades, desejam liquidar, conceitualmente, com os mestiços. É essa em suma a posição racialista, dita identitária. (...) A leva mais recente do discurso identitário é

[14] É necessário lembrar que Risério critica o movimento negro há mais tempo, pelo menos desde o livro *A utopia brasileira e os movimentos negros*, de 2007, mas o tom que vemos nos novos livros é outro.

> profundamente marcada por uma subsunção sistemática do indivíduo a suas posições de origem – de raça, de gênero, de classe, de objeto sexual etc. (...) A premissa é que necessariamente um sujeito agirá de forma a defender os interesses de suas posições de origem. Em outras palavras, um homem será machista; um branco será racista; um hétero será homofóbico, e assim por diante. (Bosco, 2022, p. 319).

Mais recentemente, também no Brasil, o cientista político Luis Felipe Miguel (2024) passou a produzir textos críticos às identidades. Em seu livro *Marxismo e política*, ele conceitua identitarismo, critica a ideia de lugar de fala (algo que será recorrente nesse conjunto de obras) e pretende evidenciar como as lutas identitárias apagaram ou invisibilizaram as discussões sobre classe social em nossa sociedade. Para ele, "a epistemologia marxiana, que afirma o caráter social da constituição dos sujeitos e aponta para uma dialética entre experiência e pensamento, é não apenas mais sofisticada, mas também abre caminhos mais promissores para a intervenção política transformadora" (Miguel, 2024, p. 91). As críticas do pesquisador ficam mais explícitas e violentas em suas redes sociais. Em 23 novembro de 2024, ele fez uma sequência de vídeos para defender que o "identitarismo" é oportunista, anti-intelectual e contraproducente porque estaria gerando a redução da respeitabilidade que os ativistas pretendem conquistar.[15]

No Brasil, os discursos anti*woke* e antitrans, boa parte deles oriundos dos EUA e adaptados e insuflados ao contexto local, não estão apenas nos livros. Nos jornais de grande circulação encontraremos muitos discursos semelhantes. A Folha de S. Paulo, por exemplo, publicou vários textos dessa nova perspectiva escritos por intelectuais como Wilson Gomes (2023 e 2024), professor titular da Universidade Federal da Bahia, e Leonardo Avriter (2024), professor titular da Universidade Federal de Minas Gerais. Esses discursos antiLGBT e anti*woke* também já começam a ser festejados por intelectuais mais conservadores como o filósofo Luiz Felipe Pondé (2024). Ele escreveu, em sua coluna no jornal Folha de S. Paulo, o artigo *Culto ao feminismo, às minorias, ao LGBTismo e ao identitarismo é tirania*. "Diante do pânico de que acusem você de racista, homofóbico, transfóbico, misógino, o melhor é se ajoelhar no altar woke", disse ele.

Nesse mesmo sentido, em julho de 2024, Elon Musk, o dono da rede social X (antigo Twitter) disse, em entrevista ao psicólogo Jordan Peterson**,** que seu filho teria sido "morto

[15] Ver em https://www.instagram.com/reel/DCtjHgLxYO_/ - Acesso em: 30 jun. 2025.

pelo vírus da mente woke". Ele estava se referindo a sua filha trans Vivian Jenna Wilson, que iniciou o seu processo de transição em 2022 e não usa mais o nome masculino que foi novamente revelado pelo pai na entrevista[16]. Nesse caso, para o bilionário, o problema não está na não aceitação da identidade de gênero da sua filha, algo fartamente documentado pela imprensa, mas naquilo que seria uma ideologia *woke* que teria produzido a morte de seu "filho". Musk tem prometido usar parte de sua fortuna para acabar com os processos de transição de gênero no mundo.

Algumas hipóteses

Para concluir, apresentarei algumas hipóteses para tentar explicar a emergência desses novos livros. Primeiro questionarei apenas três das razões apontadas pelos/as próprios/as autores/as aqui citados/as e depois elencarei aspectos distintos que, a meu ver, também precisam ser levados em consideração para compreendermos essa produção de saberes. Os/as autores/as que eu citei aqui alegam, entre vários pontos, os seguintes:

1) estaríamos em um momento forte da cultura do narcisismo. Em 1914, Freud já dizia que o narcisismo constitui, de algum modo, a subjetividade de todas as pessoas. Hoje algumas psicólogas e psicanalistas, inclusive Maria Rita Kehl[17], estão retomando o narcisismo para criticar os identitários ou os "identitaristas". Minha hipótese é de que o narcisismo é o dispositivo pelo qual algumas pessoas estão, na verdade, repatologizando as identidades LGBTQIAPN+. E usar o narcisismo como patologia à homossexualidade não é uma novidade, como o próprio Freud (1914, 2010) já destacava em seu texto. Em 1990, a Organização Mundial da Saúde retirou a homossexualidade da Classificação Internacional de Doenças (CID) e, em 2018, retirou a transexualidade da mesma lista. Não podem mais nos chamar de perversos ou portadores de disforias de gênero. Agora somos narcisistas. A era da patologização, pelo visto, não acabou. Alguns autores, a exemplo de Roudinesco (2022), inclusive retomam um livro de Christopher Lasch (2023), intitulado *A cultura do narcisismo*, para embasar as suas críticas. Trata-se de uma obra originalmente publicada em 1979 que

[16] Ver https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2024/07/elon-musk-e-acusado-de-discurso-transfobico-ao-falar-da-transicao-da-filha-meu-filho-esta-morto.shtml - Acesso em: 25 abr. 2025.

[17] Em entrevista para a TV Brasil, em 4 de fevereiro de 2025, a psicanalista reconheceu a importância dos movimentos sociais, mas também considerou que parte deles estaria em "nichos narcísicos, no sentido que só nós nos amamos", o que impediria a produção de laços sociais entre grupos distintos. Ver https://www.youtube.com/watch?v=W2niu5URRho – Acesso em 25 abr. 2025.

pensa a sociedade americana daquele período com um viés bem conservador. Vejamos o que Lasch disse:

> O conceito de narcisismo nos fornece não um determinismo psicológico pré-fabricado, mas uma maneira de compreender o impacto psicológico das mudanças sociais recentes – presumindo que tenhamos em mente não apenas suas origens clínicas, mas o contínuo entre patologia e normalidade. Ele nos oferece, em outras palavras, um retrato de razoável precisão da personalidade 'liberta' de nossos tempos, com seu charme, sua parcial consciência acerca da própria condição, sua pansexualidade promíscua, seu fascínio pelo sexo oral, seu medo da mãe castradora (Sra. Portnoy)[18], sua hipocondria, sua futilidade protetora, sua evasão da dependência, sua incapacidade de luto e seu pavor da velhice e da morte. (Lasch, 2023, p. 115);

2) As redes sociais teriam potencializado o narcisismo e também seriam responsáveis pela dificuldade das novas gerações enfrentarem o contraditório, uma vez que o algoritmo faz com que vejamos apenas conteúdos com os quais já temos familiaridade. Mas isso teria o poder de se ampliar a ponto de ser tão relevante politicamente?[19] Como comprovar isso? E por que o narcisismo seria um problema apenas para os identitários e não atingiria também os seus críticos? Christopher Lasch (2023, p. 115), nesse sentido, parecia bem mais sensato ao defender que "as condições sociais predominantes tendem a despertar traços narcísicos que estão presentes, em grau variável, em todos nós".

3) O neoliberalismo, alçado às últimas consequências, teria criado uma sociedade cada vez mais composta por pessoas egoístas, que só pensam em si. Além disso, teria se apropriado das identidades subalternas para lucrar cada vez mais. Um exemplo estaria na própria indústria fármaco, que lucra com medicamentos nos processos de transição para pessoas trans. No entanto, o neoliberalismo, ainda que tenha se ampliado, não é uma novidade dos últimos dez/oito anos. Wendy Brown (2017) estudou as transformações e influências do neoliberalismo em todas as esferas de nossas vidas e em nenhum momento trata de como ele teria impactado os movimentos sociais e ativistas. No entanto, destaca que o presidente Obama vinculava o casamento homossexual e a luta contra a discriminação sexual com as

[18] Ao citar a Sra. Portnoy, Lash está fazendo referência à personagem do livro *O complexo de Portnoy*, de Philip Roth, uma mãe controladora e obsessiva que exercia grande influência na vida do filho.

[19] O cientista político Luis Felipe Miguel, por exemplo, defende que "O identitarismo não é politicamente irrelevante. Ele não é só um incômodo lateral no ambiente acadêmico ou nas tretas virtuais, um ruído de fundo que não interfere nas disputas reais, que seriam aquelas travadas contra uma direita hoje empoderada. Longe disso: ele afeta de forma séria a capacidade que a esquerda tem de enfrentar os desafios contemporâneos e opera, na prática, na forma de uma tabelinha com a extrema-direita, em que os dois (e apenas os dois) saem ganhando" (Miguel, 2025, online).

contribuições ao crescimento econômico ou a competitividade dos Estados Unidos. Ela definiu o neoliberalismo como "uma forma particular de razão que configura todos os aspectos da existência em termos econômicos, que está anulando silenciosamente elementos básicos da democracia" (Brown, 2017, p. 13). De *homo politicus* passamos a nos constituir como *homo oeconomicus*.

Todas as razões apresentadas pelos/as autores/as precisam ser estudadas com cuidado, mas, por ora, as minhas hipóteses para tentar explicar a emergência desses novos discursos são outras. Um dos aspectos muito citados pelos novos críticos às identidades está relacionado ao surgimento de novas identidades de gênero (homens e mulheres trans, pessoas não binárias, agênero etc.), a criação da categoria cisgênero para identificar as pessoas que se identificam com o gênero designado no seu nascimento e a criação da categoria branquitude para identificar a identidade racial das pessoas brancas. Minha hipótese é de que os ativismos identitários começaram a ser entendidos como um novo problema da política e da sociedade como um todo quando eles deixaram de apenas afirmar as suas próprias identidades e reivindicar os seus direitos e passaram a também questionar a norma, ou seja, a identidade da maioria. Ao fazer isso, os saberes *queer* e trans, por exemplo, também produziram outros conhecimentos sobre o sistema sexo-gênero e um dos maiores incômodos dos novos críticos às identidades está na desnaturalização do sexo, ou melhor, em como evidenciamos que a leitura de nossas genitálias não está isenta das normas culturais de gênero. É aí que os novos críticos às identidades se aliam, querendo ou não, com os movimentos transexcludentes.

Ou seja, talvez o fato de os movimentos, ativistas e/ou intelectuais do campo dos direitos humanos de pessoas negras e LGBTQIAPN+ terem avançado para além da macropolítica e começado a desenvolver estratégias da micropolítica, nos termos de Suely Rolnik (2018)[20], tenha gerado uma tamanha desestabilização na produção de conhecimentos e na própria sociedade que fizeram emergir esses novos discursos críticos às identidades. Ou

[20] Rolnik explica que o que diferencia a macropolítica da micropolítica não é a escala da política. A micropolítica é aquela capaz de produzir outros processos de subjetivação. "Macropolítica (via recognição identitária para construir movimentos organizados e/ou partidos políticos) (...) Micropolítica (via ressonância entre frequências de afetos para a construção do "comum") (Rolnik, 2018, p. 140). Sobre a micropolítica, ela ainda diz: "Trata-se de tecer múltiplas redes de conexões entre subjetividades e grupos que estejam vivendo situações distintas, com experiências e linguagens singulares, cujo elemento de união são embriões de mundo que habitam os corpos que delas participam, impondo-lhes a urgência de que sejam criadas formas nas quais tais mundos possam materializar-se completando assim seu processo de germinação" (Rolnik, 2018, p. 141).

seja, mais do que protagonismo, narcisismo ou neoliberalismo estamos assistindo uma disputa epistemológica. Isso fica evidente no manifesto, publicado em 25 de setembro de 2019 no jornal *Le Monde*, assinado cerca de 80 psicanalistas franceses contra o que eles qualificam como "imposição de ideologias racistas feita por militantes obcecados pela identidade, restringidos ao identitarismo".

> O chamado pensamento "decolonial" está se infiltrando nas universidades. Ele ameaça as ciências humanas e sociais, sem poupar a psicanálise. Esse fenômeno se espalha de forma preocupante. Não hesitamos em falar de um fenômeno de controle, que destila sub-repticiamente uma ideologia com conotações totalitárias, utilizando técnicas de propaganda. Reintroduzir a "raça" e estigmatizar os chamados "brancos" ou pessoas de cor como culpados ou vítimas é negar a complexidade psicológica; é não reconhecer a história frequentemente negligenciada dos povos colonizados e os traumas que impedem sua transmissão. (La pensée..., 2019, online)[21]

Em contraposição a esse texto, dezenas de psicanalistas e outros profissionais brasileiros lançaram, em 20 de julho de 2025, outro manifesto, intitulado *Por uma psicanálise decolonial*[22]. Eis um trecho:

> Em 2019, uma notícia do Le Monde anunciou um manifesto publicado por um grupo de 80 psicanalistas franceses que denunciava o pensamento decolonial como uma ameaça totalitária. Acusava-o de "vitimismo" e de "narcisismo das pequenas diferenças". Reivindicava um suposto universalismo psicanalítico. Mas o que defendia, na verdade, era um lugar de privilégio racial, social e geopolítico, travestido de neutralidade.
>
> Sob o pretexto de defender a psicanálise contra "ideologias identitárias", o que está em jogo, nesses episódios, é a recusa em reconhecer que as marcas da colonialidade não são apenas um tema sociológico. São também um trauma psíquico, um ferimento histórico que atravessa a constituição subjetiva.
>
> Negar isso é negar a própria experiência do inconsciente.
>
> O inconsciente não é neutro. Freud o sabia. Nossos sintomas, fantasias e identificações não emergem no vazio. São atravessados pela cultura, pela história e pelo laço social. Ignorar que as feridas do racismo, da colonialidade e das desigualdades estruturais afetam a subjetivação é abandonar a escuta. E, portanto, trair a própria ética da psicanálise. (Por uma..., 2025, online)

Ou seja, no tocante aos ativismos e estudos étnico-raciais, o incômodo reside na criação do conceito de branquitude, que aponta que as pessoas brancas também possuem

[21] Todas as traduções são de responsabilidade do autor deste texto.

[22] No momento em que conclui este texto o manifesto já tinha sido assinado por 1.529 pessoas. Ver em https://www.change.org/p/por-uma-psicanálise-decolonial?recruiter=304618721&recruited_by_id=89f847c0-0313-11e5-8d88-ab3f5628f0be&utm_source=share_petition&utm_campaign=psf_promote_or_share&utm_term=psf&utm_medium=whatsapp&utm_content=washarecopy_490656279_pt-BR%3A2 – Acesso em: 13 ago. 2025.

identidade racial e que ela lhes concede privilégios (Conceição, 2020). Da mesma forma que o conceito de cisgênero é apontado como causador de novos binarismos, o conceito de branquitude teria como objetivo dividir a sociedade entre pessoas brancas e negras, o que nos levaria inclusive para a ideia de um racismo *woke*. Esse tipo de crítica, no entanto, não apresenta novidade para o movimento negro. A historiadora Paulina L. Alberto, que realizou uma densa pesquisa sobre o trabalho dos intelectuais negros do século XX em São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, evidencia que, após a volta da democracia em 1945, várias organizações negras foram acusadas de serem racistas pelo fato de criticarem o mito da democracia racial brasileira. "Em julho de 1949, um escritor do *Diário Carioca* acusou os intelectuais negros de espalhar 'sementes de ódio'. Em um editorial de primeira página de *O Globo*, em abril de 1950, as organizações negras foram acusadas de 'preconceitos de pretos'." (Alberto, 2017, p. 275). Os intelectuais negros brasileiros também eram acusados de importar ideias raciais norte-americanas para criar um problema que nunca teria existido no Brasil. "O suposto problema dos 'preconceitos de pretos', levantado pela visibilidade do 'teatro negro, dos jornais negros e dos clubes negros', foi motivo de preocupação para observadores brancos particularmente nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro" (Alberto, 2017, p. 277)

As novas epistemes dos feminismos negros, *queer* e decoloniais questionaram as teorias e identidades de certos intelectuais, que passaram a ter as suas verdades abaladas, questionadas e negadas (ou seria um narcisismo abalado?), a ponto de fazer emergir esses novos discursos críticos às identidades que podem estar constituindo uma teoria anti-identitária na atualidade. Até então tínhamos no máximo teorias pós-identitárias na academia, a exemplo das desenvolvidas pelos estudos culturais e *queer*. Talvez agora tenhamos uma teoria anti-identitária em construção, fruto de uma crise do intelectual que estava acostumado a ter suas ideias aceitas e aplaudidas. Via de regra esse intelectual é branco (como já apontou Paulina L. Alberto referindo-se a debates ocorridos em meados do século XX) e/ou cisgênero.

Além disso, para entender a emergência das novas críticas às identidades também é necessário contextualizar o momento político e eleitoral em que elas foram elaboradas. Como já é possível identificar, as obras emergem logo depois que importantes políticos de extrema-direita chegam ao poder, seja nos parlamentos e/ou na presidência de países como Brasil e Estados Unidos (ver Cesarino, 2019; Cepêda, 2018 e Chaloub et al 2018). Nesses e em outros países, como Argentina, Espanha, Portugal, Itália e França, para citar apenas alguns, as

questões identitárias, especialmente as raciais, as sexuais e de gênero, foram decisivas e centrais nas últimas eleições.

Nos últimos pleitos, a retórica do ódio foi fartamente utilizada, conforme atestam diversos estudos (no Brasil, por exemplo, ver os estudos de Rocha, 2021 e 2023). Teria essa retórica também contaminado, de alguma forma, os intelectuais progressistas? Estaríamos vivendo um período de "fascismo atmosférico", nos termos de Bruno Reinhardt e Letícia Cesarino (2024), que incide inclusive sobre parte do campo de esquerda e/ou progressista?

Nesse sentido, penso que os trabalhos da psicanalista Suely Rolnik podem nos dar boas pistas. Ela realizou uma cartografia do Brasil desde a ditadura civil militar, passando pelos movimentos da contracultura, o movimento antropofágico, a redemocratização, o avanço dos movimentos sociais, em especial negros, feministas e LGBT, os governos do PT e suas crises, o golpe, a reorganização do campo da extrema direita até chegar na eleição de Jair Bolsonaro. Cada um dos momentos gesta, diz Rolnik, determinados processos de subjetivação que irão produzir desde subjetividades mais rígidas até as mais flexíveis.

Nos seus trabalhos mais recentes, Rolnik (2018) defende que a aliança entre os neoliberais e os neoconservadores com vistas a levar o projeto colonial às últimas consequências apostou em subjetividades rudes e perversas para chegar ao poder. Além de produzir graves crises institucionais, com golpes, disseminação de informações falsas e a demonização das esquerdas, se produziu uma certa política de subjetivação. Essa política teria como "elemento fundamental o abuso da vida enquanto força de criação e transmutação",

> [...] com uma ânsia de massacrar todos aqueles que não são o seu espelho. É quando irrompe mais violentamente o surto conservador. Apela-se mais fanaticamente ainda à moral igrejista, familista e identitária que, embora presente desde o início no roteiro do seriado, beira agora o delírio. Toma-se como alvo a cultura em seu sentido amplo: das práticas artísticas, educacionais, terapêuticas e religiosas (não cristãs) aos modos de existência que não se encaixam nas categorias machistas, heteronormativas, homofóbicas, transfóbicas, racistas, classistas e xenófobas. (Rolnik, 2018, p. 166).

Rolnik estava se referindo ao processo de subjetivação que acabou por eleger Jair Bolsonaro. Nos propósitos deste texto, cabe perguntar em que medida esse processo de subjetivação teria afetado os/as intelectuais dos novos discursos críticos às identidades e os próprios movimentos sociais que eles/elas criticam. Por exemplo: na minha análise, os movimentos sociais identitários, nos últimos anos, tiveram sim uma deriva essencialista, mas

tenho dúvidas se ela poderia ser explicada pelas fórmulas utilizadas pelos/as autores/as que citei aqui. Os contextos sociais, culturais, políticos e subjetivos, potencializados pela extrema direita e pelo fundamentalismo religioso também fornecem dados para entender esse retorno ao essencialismo que imaginávamos, desde os estudos culturais e *queer*, quase superado. Em um contexto de constante ataque às diferenças é muito previsível que as pessoas e coletivos produzam discursos e ações mais essencialistas como estratégia de sobrevivência.

Não tenho conclusões fechadas sobre o fenômeno que tentei apresentar aqui. Meu propósito foi o de apenas evidenciar que existem novos saberes sobre as questões identitárias sendo gestados na atualidade e que eles se diferenciam das já "clássicas" críticas às identidades. A criação da categoria "identitarismo" é apenas uma das novidades. Além disso, elenquei algumas hipóteses que talvez possam explicar a emergência desses saberes, sem nenhuma pretensão de esgotar o assunto. Pelo contrário, a proposta é a de convocar outras pessoas para a continuidade da discussão.

Referências

ALBERTO, Paulina L. *Termos de inclusão*. Intelectuais negros brasileiros no século XX. Campinas: Editora da Unicamp, 2017.

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

AVRITER, Leonardo. Identitarismo enfraquece capacidade política da esquerda. *Folha de S. Paulo*, 20 julho 2024. Disponível em https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2024/07/identitarismo-enfraquece-capacidade-politica-da-esquerda.shtml - Acesso em 23 ago. 2024.

BARROS, Douglas. *O que é identitarismo?* São Paulo: Boitempo, 2024.

BIRMAN, Joel. Moisés, o egípcio: problematizações sobre a identidade, a identificação e a decolonialidade. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, *26*, 2023, e280734

BRAUNSTEIN, Jean-François. *A religião woke*. Lisboa: Guerra e Paz, 2023.

BROWN, Wendy. *El pueblo sin atributos*. La secreta revolución del neoliberalismo. Barcelona: Malpaso Ediciones, 2017.

BOSCO, Francisco. *O diálogo possível.* Por uma reconstrução do debate público brasileiro. São Paulo: Todavia, 2022.

BOSCO, Francisco. *A vítima tem sempre razão?* Lutas identitárias e o novo espaço público brasileiro. São Paulo: Todavia, 2017.

BUTLER, Judith. *Quem tem medo do gênero?* São Paulo: Boitempo, 2024.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero.* Feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CEPÊDA, Vera. A nova direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. *Mediações* - Revista de Ciências Sociais, v. 23, n. 2 mai./ago. 2018, pp. 40-74.

CESARINO, Letícia. Identidade e representação no bolsonarismo: corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. *Revista de Antropologia*, v. 62, n. 3, 2019, p. 530-557.

CHALOUB, Jorge; LIMA, Pedro; PERLATTO, Fernando. Direitas no Brasil contemporâneo. *Teoria e Cultura*, v. 13, n. 2, 2018, p. 9-21.

COLLINS, Patrícia Hills. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2021.

CONCEIÇÃO, William Luiz da. *Branquitude:* dilema racial brasileiro. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2020.

CORRÊA, Sonia. A "política do gênero": um comentário genealógico. *Cadernos Pagu*, (53), 2018, e185301.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas identitárias e violência contra as mulheres de cor. *In*: MARTINS, Ana Claudia Aymoré;VERAS, Elias Ferreira (Org.). *Corpos em aliança*: diálogos interdisciplinares sobre gênero, classe e sexualidade. Curitiba: Appris, 2020.

CUNHA, Eduardo Leal. Uma leitura freudiana da categoria de identidade em Anthony Giddens. *Ágora*: Estudos Em Teoria Psicanalítica. 2007, 10(2), p. 171–86.

ERRASTI, José e ÁLVAREZ, Mariano Pérez. *Nadie nace en un cuerpo equivocado*. Barcelona: Deusto, 2022.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo [1914]. In. FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo:* ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 13 a 50.

GILROY, Paul. *O atlântico negro*: modernidade e dupla consciência. 2ª ed. São Paulo:Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2001.

GOMES, Wilson. A revolta moral na abertura das Olimpíadas de Paris. *Folha de S. Paulo*, 30 julho 2024. Disponível em https://www1.folha.uol.com.br/colunas/wilson-gomes/2024/07/a-revolta-moral-na-abertura-das-olimpiadas-de-paris.shtml - Acesso em: 23 ago. 2024

GOMES, Wilson. A universidade e o tribunal identitário**.** *Folha de S. Paulo*. 19 setembro de 2023. Disponível em https://www1.folha.uol.com.br/colunas/wilson-gomes/2023/09/a-universidade-e-o-tribunal-identitario.shtml. Acesso em 23 ago. 2024

GOMES, Wilson. Pequeno manual identitário para silenciar os críticos e se blindar contra a crítica e o dissenso em 5 passos. In: RISÉRIO, Antonio (org.) *A crise na política identitária*. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2022a, p. 15-19.

GOMES, Wilson. Caminhos e descaminhos da política identitária hoje: origem, ideologia e estratégias. In: RISÉRIO, Antonio (org.) *A crise na política identitária*. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2022b, p. 50-94.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença*. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 103-133.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. *A invenção de "ideologia de gênero"*: um projeto reacionário de poder. Brasília: LetrasLivres, 2022.

LA PENSÉE "décoloniale" renforce le narcissisme des petites différences. *Le Monde*, 25 setembro de 2019. Disponível em: https://www.lemonde.fr/idees/article/2019/09/25/la-pensee-decoloniale-renforce-le-narcissisme-des-petites-differences_6012925_3232.html Acesso em: 13 ago. 2025.

LASH, Christopher. *A cultura do narcisismo*: a vida americana em uma era de expectativas decrescentes. São Paulo: Fósforo, [1979], 2023.

LAURETIS, Teresa de. Queer Theory. Lesbian and gay sexualities: An introduction. *Differences*: A Journal of Feminist Cultural Studies, v. 3, n. 2, p. 11, 1991.

LILLA, Mark. *O progressista de ontem e o do amanhã*. Desafios da democracia liberal no mundo pós-políticas identitárias. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MAGNOLI, Demétrio. Presença na imprensa: artigos de Demétrio Magnoli. In: RISÉRIO, Antonio (org.) *A crise na política identitária*. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2022, p. 240 a 268.

MARACCI, João Gabriel & PRADO, Marco Aurélio Máximo. Ofensivas antigênero e a depuração dos Direitos Humanos como política de Estado no Brasil. *Estudos e pesquisas em psicologia*, 22(4), 2022, 1372–1392.

MIGUEL, Luis Felipe. O lugar da identidade. *Substack*, 4 de agosto de 2025. Disponível em https://lfmiguel.substack.com/p/o-lugar-da-identidade

MIGUEL, Luis Felipe. *Marxismo e política*: modos de usar. São Paulo: Boitempo, 2024.

MISKOLCI, Richard. *Batalhas morais*: política identitária na esfera público técnico-mediatizada. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MISKOLCI, Richard. *Teoria queer*: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

McWHORTER, John. *Como a militância traiu o movimento antirracista*. São Paulo: Faro Editorial, 2024.

MOUNK, Yascha. *A armadilha da identidade*. Um história das ideias e do poder em nosso tempo. São Paulo: Edições 70, 2024.

NEIMAN, Susan. *A esquerda não é woke*. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2023.

PONDÉ, Luiz Felipe. Culto ao feminismo, às minorias, ao LGBTismo e ao identitarismo é tirania. *Folha de S. Paulo*, 11 agosto 2024. Disponível em https://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/2024/08/culto-ao-feminismo-as-minorias-ao-lgbtismo-e-ao-identitarismo-e-tirania.shtml - Acesso em 11 ago. 2024.

POR UMA Psicanálise decolonial. *Change.org*. 20 de julho de 2025. Disponível em https://www.change.org/p/por-uma-psicanalise-decolonial?recruiter=304618721&recruited_by_id=89f847c0-0313-11e5-8d88-ab3f5628f0be&utm_source=share_petition&utm_campaign=psf_promote_or_share&utm_term=

psf&utm_medium=whatsapp&utm_content=washarecopy_490656279_pt-BR%3A2 Acesso em: 13 ago. 2025.

RANGEL, Ricardo. O identitarismo, suas contradições, seus equívocos. In: RISÉRIO, Antonio (org.). *A crise da política identitária*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2022, p. 19-49.

REINHARDT, Bruno e CESARINO, Letícia. Fascismo atmosférico: o bolsonarismo como cronopolítica. *Revista Antropológica*, v. 2, e59314,2, mai./ago., 2024.

RISÉRIO, Antonio. *Identitarismo*. São Paulo: LVM Editores, 2024.

RISÉRIO, Antonio. *Mestiçagem, identidade e liberdade*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2023.

RISÉRIO, Antonio (org). *A crise da política identitária*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2022.

RISÉRIO, Antonio. *Sobre o relativismo pós-moderno e a fantasia fascista da esquerda*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2019.

RISÉRIO, Antonio. *A utopia brasileira e os movimentos negros*. São Paulo: Editora 34, 2007.

ROCHA, João Cezar de Castro Rocha. *Bolsonarismo*: da guerra cultural ao terrorismo doméstico. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

ROCHA, João Cezar de Castro Rocha. *Guerra cultural e retórica do ódio* (Crônicas de um Brasil pós-político). Goiânia: Caminhos, 2021.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição*. Notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: N-1 edições, 2018.

ROUDINESCO, Elisabeth. *O eu soberano***.** Ensaio sobre as derivas identitárias. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

SÁEZ, Javier. El contexto sociopolítico de surgimiento de la teoría queer. De la crisis del sida a Foucault. In: CÓRDOBA, David, SÁEZ, Javier y VIDARTE, Paco (orgs**.).** *Teoría queer*. Políticas bolleras, maricas, trans, mestizas. Madrid: Egales, 2007, p. 21-66.

SPIVAK, Gayatri C. Interview with Angela McRobbie. *Block* (10), 1985, pp.5-9.

VALCÁRCEL, Amelia. Prólogo. In: ERRASTI, José e ÁLVAREZ, Mariano Pérez. *Nadie nace en un cuerpo equivocado*. Barcelona: Deusto, 2022, p. 11-16.